



GRUPO DE REVISÃO DA IMPLEMENTAÇÃO DE CÚPULAS (GRIC)
Primeira Reunião Ministerial de 2023
23 de junho de 2023
Washington, D.C.

OEA/Ser.E
GRIC/M.1/INF.22/23
26 junho 2023
Original: inglês

DISCURSO DO PRESIDENTE DO GRIC

(Secretário de Estado dos Estados Unidos da América, Antony Blinken)

Senhor Secretário-Geral, distintos convidados: *Buenos días. Bonjour. Bom dia.*

Sinto-me honrado em estar uma vez mais com os senhores no Salão das Américas.

Há mais de 75 anos, nossas nações se reuniram para afirmar o que a Carta da OEA denominou o “indispensável” papel da democracia na concretização da segurança, dos direitos humanos, do desenvolvimento e de outras necessidades vitais dos povos de todo o Hemisfério.

No centro da Carta da OEA – e da Carta Democrática Interamericana – está o reconhecimento de que os destinos de cada uma de nossas democracias estão vinculados entre si. E de que, quando se trata de melhorar a vida de nossos cidadãos, nossas democracias são melhores quando se unem.

No entanto, no momento em que nos reunimos hoje, vários governos das Américas questionam a relevância da OEA, e da democracia de maneira mais ampla, para resolver os problemas enfrentados por muitos habitantes de todo o Hemisfério. Falta de oportunidade econômica e desigualdade ... insegurança generalizada e corrupção endêmica ... uma crise climática em aceleração. Todos os problemas que contribuíram para que um número sem precedentes de pessoas abandonasse seus lares.

Encontramo-nos, portanto, em um momento de avaliação. Ainda acreditamos que a democracia seja o melhor sistema para atender aos nossos cidadãos? Nesse caso, estamos dispostos a novamente nos comprometer com o fortalecimento de nossas democracias amigas e das instituições em que trabalhamos em conjunto?

A resposta dos Estados Unidos a essa pergunta é inequívoca: acreditamos na democracia – em sua capacidade persistente de renovação e revitalização. Acreditamos que ainda é a melhor maneira de atender às necessidades de nossos cidadãos e das pessoas em toda a região.

E acreditamos na OEA – tanto em sua capacidade de melhorar individualmente nossas democracias quanto de nos unir com o propósito de resolver problemas que nenhum de nós pode solucionar sozinho.

Como disse o Presidente Jimmy Carter à OEA há décadas, para tornar nossa Carta “mais do que pedaços de papel vazios – para torná-la um documento vivo” – todos os nossos Estados membros devem acreditar, e agir, para defendê-la e aperfeiçoá-la.

Gostaria de defender hoje a forma mediante a qual podemos nos comprometer de novo, juntos, para tornar nossas cartas algo vivo para as pessoas em todo o Hemisfério.

Em primeiro lugar, podemos continuar a apoiar e fortalecer as competências centrais da OEA – onde ela detém um histórico comprovado de aperfeiçoamento de nossas democracias de maneira concreta.

As missões de observação eleitoral da OEA são o padrão-ouro para avaliar de maneira independente e imparcial se as eleições são livres e justas. Somente em 2023, a OEA observou eleições em Antígua e Barbuda, no Equador e no Paraguai, e observará a eleição presidencial da Guatemala em 25 de junho – daqui a dois dias.

A Comissão Interamericana de Direitos Humanos vem sendo há décadas um foro onde os cidadãos de todos as nossas nações buscam justiça para violações e abusos de direitos humanos – do desaparecimento forçado e execuções extrajudiciais das Guerras Sujas e das guerras contra as drogas ... ao relatório por ela publicado na última semana, que concluiu que agentes do governo cubano estiveram envolvidos, em 2012, na morte dos defensores de direitos humanos Oswaldo Payá e Harold Cespero. E a Comissão tem sido pioneira na promoção dos direitos de populações historicamente marginalizadas, inclusive as pessoas de descendência africana, as comunidades indígenas e as pessoas LGBTQI+.

A Força de Saúde das Américas capacitará, em cinco anos, meio milhão de trabalhadores da saúde em temas fundamentais como saúde maternal e infantil. E caminhamos nesse sentido – capacitamos 119.000 no último ano.

Virtudes duradouras como essas são a razão pela qual nosso embaixador junto à OEA, Frank Mora, lutou tanto para conseguir apoio para um dos maiores aumentos no orçamento da Organização em décadas. Os Estados Unidos financiam aproximadamente metade desse orçamento, graças ao apoio de nosso Congresso.

Gostaria de agradecer à CARICOM por liderar o esforço por aprovar esse aumento crucial, sem o qual a OEA teria de eliminar dezenas de cargos.

Também apoiamos integralmente a revisão externa da Secretaria-Geral da OEA, para que possamos garantir que os povos das Américas estejam se beneficiando ao máximo da contribuição de todos nós.

Em segundo lugar, podemos nos comprometer novamente a nos ater – assim como os países de toda a região – aos princípios fundamentais da Carta da OEA e da Carta Democrática Interamericana.

Isso, naturalmente, implica continuar a chamar a atenção para as violações generalizadas de direitos humanos cometidas por governos autoritários e a buscar maneiras de responsabilizá-los – e pôr fim a sua repressão – procurando simultaneamente ajudar as vítimas.

Mas isso é apenas parte da questão.

Também temos de fazer ouvir nossas vozes quando nossas democracias amigas se desviam dos princípios que todos acordamos repetidamente defender.

Quando líderes eleitos democraticamente em nossa região tentam enfraquecer as instituições independentes que oferecem freios e contrapesos ... quando reprimem a mídia e a sociedade civil; quando demitem ou assediam promotores, juízes, funcionários eleitorais e outros funcionários governamentais independentes por fazer seu trabalho; quando tentam prorrogar prazos de mandatos; quando atacam ou tentam desacreditar instituições multilaterais, inclusive esta, por suscitar críticas legítimas ... não podemos ficar parados. Temos de nos manifestar.

Não porque algum de nossos Estados membros pense que somos perfeitos. Sabemos que não somos. Mas sim porque nos dedicamos às democracias uns dos outros e porque assumimos um compromisso de mutuamente nos responsabilizarmos. Porque sabemos que um dos passos mais perigosos que um governo pode dar é privar o cidadão do direito de aperfeiçoar o sistema a partir de seu interior. E porque conhecemos os riscos inerentes ao retrocesso – não apenas para os países individualmente e seus cidadãos, mas para regiões inteiras.

Os Estados Unidos não são imunes a isso. Ao longo de nossa história, enfrentamos desafios a nossa democracia. Continuamos a lidar com eles até o dia de hoje.

Na realidade, essas experiências salientam para nós a importância de sempre nos empenharmos em enfrentar nossas próprias deficiências – e de fazê-lo de maneira aberta e transparente –, não fingir que elas não existem ou varrê-las para debaixo do tapete – porque sabemos que essa é a única maneira de melhorar ... formar uma união mais perfeita.

É por esse motivo que nos abrimos à avaliação – e crítica – de jornalistas, defensores de direitos humanos e organizações regionais e multilaterais. Isso inclui a OEA e a Comissão Interamericana de Direitos Humanos, que recentemente realizou visitas *in loco* aos Estados Unidos, onde se concentrou em falta de moradia, direitos indígenas e mudança do clima.

Em terceiro lugar, e finalmente, devemos continuar a adaptar nossas instituições e parcerias, para aproveitar as novas oportunidades e atender às novas ameaças. Nunca foi tão crítica a necessidade de fazê-lo. Olhem para qualquer um dos grandes desafios que afetam as pessoas em nosso Hemisfério – nenhum deles podemos resolver isoladamente. É por essa razão que o Presidente Biden vem trabalhando incansavelmente para revigorar instituições como a OEA– e estabelecer novas coalizões em nossa região e no mundo – para atender aos nossos povos.

Reunimos os países na Cúpula das Américas em Los Angeles para aprovar a Declaração de Los Angeles sobre Migração e Proteção – a primeira abordagem verdadeiramente regional dessa questão –, na qual 21 países assumiram compromissos concretos para torná-la real. Juntamente com a sociedade civil, o setor privado, as organizações humanitárias e as organizações multilaterais e regionais, continuamos a impulsionar o progresso com base nos pactos que celebramos – trabalho que continuaremos hoje, mais tarde, quando convocar uma reunião ministerial de nossos parceiros.

Em abril, convocamos a primeira Cúpula das Cidades das Américas, em Denver, Colorado, reunindo centenas de prefeitos e governadores, autoridades tribais e indígenas, e líderes comunitários, ONGs e empresas. Os participantes compartilharam ideias inovadoras, conhecimento e enfoques, e

forjaram novas parcerias – no âmbito em que a democracia está mais próxima das pessoas a quem serve. Acima de tudo, ouvimos... tomamos notas... aprendemos.

Trabalhamos juntos para expandir as oportunidades inclusivas nas Américas. Estamos ampliando o acesso às novas tecnologias que são cada vez mais cruciais para os negócios. Lançamos uma nova agenda econômica – a Parceria das Américas para a Prosperidade Econômica –, com vistas a um crescimento mais equitativo, de baixo para cima e do meio para fora. E vimos pressionando para que instituições multilaterais de desenvolvimento, como o Banco Mundial, aumentem o financiamento para as economias de renda média da região, como nossa Vice-Presidente Harris discutiu com nossos amigos da CARICOM e de outros parceiros há algumas semanas na Reunião de Líderes dos Estados Unidos e do Caribe.

Estamos lançando hoje uma nova coalizão global para enfrentar as ameaças à saúde e à segurança representadas pela produção ilícita e o tráfico de fentanil e outras drogas sintéticas. Incentivamos os países de toda a região a que se juntem a nós nesse esforço. Os Centros de Controle de Doenças estimam que aproximadamente 110.000 americanos morreram em decorrência de abuso de drogas em 2022. Mais de dois terços dessas mortes envolveram opioides sintéticos e infligiram sofrimento incomensurável a famílias de toda a região. Não há um país em nosso Hemisfério que não venha sendo atingido por esse flagelo ou pela criminalidade organizada transnacional que dele se beneficia. E sabemos que a única maneira de confrontá-lo é trabalhando juntos. Em algumas semanas, convocarei dezenas de contrapartes de todo o mundo para a reunião de lançamento da coalizão.

Prezados colegas, declarei que os Estados Unidos continuam a acreditar que, quando se trata de atender às aspirações das pessoas em todo o Hemisfério – nada funciona melhor do que democracias trabalhando em conjunto.

Mas de todas as razões pelas quais estou confiante de que nossas democracias podem, em última instância, produzir resultados para atender aos significativos desafios que enfrentamos, há uma que eclipsa todas as outras: nossos cidadãos ainda acreditam na democracia. A última pesquisa anual da Latinobarómetro mostra que – mesmo que a maioria das pessoas em nosso Hemisfério concorde que as democracias podem e devem funcionar melhor – dois terços dos cidadãos ainda creem que a democracia é a melhor forma de governo para atender a suas necessidades. Dois em três. Trata-se de um aumento real em relação a alguns anos atrás.

E se nossos cidadãos ainda creem na democracia ... se ainda estão determinados a nos tornar melhores de dentro para fora, a nos tornar responsáveis ... não há falha que não possamos corrigir e nem desafio que não possamos superar na duradoura marcha para fazer que os direitos e esperanças de nossos povos se transformem em algo vivo. Muito obrigado.